

Entre a vida e a morte: a permanência das coisas como continuidade em contexto familiar¹

Between life and death: the permanence of things as continuity in a familiar context.

Caroline Pereira Dias²

Maria Catarina Chitolina Zanini³

Palavras-chave: antropologia; morte; memória; coisas; família.

Resumo: Este artigo, fruto de uma etnografia em contexto familiar, investiga a relação entre as pessoas e os objetos de entes queridos falecidos. A pesquisa se concentra em uma abordagem ecológica dessa relação, buscando compreender como as coisas se tornam parte tanto do mundo dos vivos, quanto do mundo dos mortos, assegurando-nos uma sensação de continuidade. Partindo de uma etnografia de dentro, escrutinando as relações cotidianas das pessoas com suas coisas, é possível perceber que a conservação dessas é uma forma de negociar a ausência e manter a presença dos falecidos no cotidiano familiar. As coisas, dotadas de vida e participantes ativas de nossas constituições enquanto seres, tornam-se evidências de uma vida vivida e partilhada, permitindo que os vivos mantenham vínculo com os mortos. Por meio de um diálogo com a antropologia da morte, buscamos contribuir para a compreensão da complexidade da relação que se passa entre os vivos e os mortos, destacando o papel fundamental das coisas nesse âmbito. A pesquisa revela a importância de considerar as coisas em sua relação com a memória e

1 Recebido em 30 de setembro 2024; aprovado em 06 de novembro 2024.

2 Mestre em Ciências Sociais PPGCS/UFSM (com bolsa CAPES), Bacharela em Desenho Industrial/UFSM. Pesquisadora associada ao Núcleo de Estudos Contemporâneos (NECON)/ UFSM. Pesquisadora associada ao Grupo Pesquisa História da Arte e Cultura de Moda (IA/UFRGS).

3 Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia Social)/USP, Pós-doutorado/UFRRJ, Pós-doutorado Museu Nacional/UFRJ, Mestrado em Antropologia/UnB, Graduação em Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharelado)/UFRGS. Professora Titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFSM. Coordenadora do Núcleo de Estudos Contemporâneos (NECON)/UFSM. É membro do Comitê de Pesquisa da PPRPG-UFSM. Foi Visiting Scholar na Università CaFoscari Venezia (Itália). Pesquisadora Associada do NIEM-UFRJ (Núcleo de Estudos Migratórios) e ao Instituto Histórico de São Leopoldo (ISHL). É membro do Migraidh-UFSM e da Cátedra Sérgio Vieira de Mello UFSM (pesquisa, ensino e extensão sobre migração e refúgio). Pesquisadora PQ 2/CNPq desde 2012.

os rituais cotidianos como elementos constitutivos da experiência humana diante da morte e da perda.

Keywords:
Anthropology;
death;
memory;
things;
family.

Abstract: *This article, the result of an ethnography in a family context, investigates the relationship between people and objects of deceased loved ones. The research focuses on an ecological approach to this relationship, seeking to understand how things become part of both the world of the living and the world of the dead, ensuring us a sense of continuity. Starting from an ethnography from within, scrutinizing people's daily relationships with their things, it is possible to see that preserving them is a way of negotiating absence and maintaining the presence of the deceased in family life. Things, endowed with life and active participants in our constitutions as beings, become evidence of a life lived and shared, allowing the living to maintain a bond with the dead. Through a dialogue with the anthropology of death, we seek to contribute, in part, to the understanding of the complexity of the relationship between the living and the dead, highlighting the fundamental role of things in this context. The research reveals the importance of considering things in their relationship with memory and everyday rituals as constitutive elements of the human experience in the face of death and loss.*

Introdução

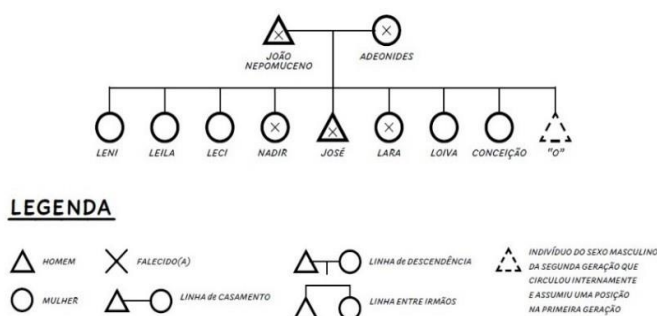
Quando alguém de nossa estima falece, por vezes, temos a sensação de não conseguir parar de pensar nesta pessoa, quase como se uma presença invasiva se impusesse sobre nós. No entanto, com o inevitável passar do tempo, as memórias começam a nos escapar, bem como a face e traços cada vez mais fugidios de quem antes não nos saía da mente. Como podemos fazer para conservar os traços das pessoas que amamos que já não vivem e que começam a se evadir? Onde estarão? Como estarão? Ainda se lembrarão de nós? O que nos tornamos para os mortos? Poderíamos nós, mesmo que por instantes, ludibriar a morte e trazer de volta à vida nossas pessoas amadas e abrandar o sentimento de ausência e saudade quando este ameaça nos sufocar? E nós mesmos, em nossas indagações, ficamos à mercê das incertezas acerca de nossas próprias existências para os mortos.

Salientamos que a ênfase de nosso trabalho não foi especificamente na antropologia da morte, mas, uma vez em contato com o campo – seja com as interlocutoras ou com as narrativas do diário de campo – pareceu essencial que nos atentássemos para um aspecto bastante cotidiano de nossas vidas: a morte e suas múltiplas faces para os que ainda permanecem vivos. Isto deve-se, sobretudo, ao fato de que toda a nossa jornada de pesquisa teve seu início com uma coisa que pertenceu a uma pessoa que já não vive entre nós e que ainda assim é guardada, preservada, conservada e sentida

A reflexão proposta neste artigo é oriunda da dissertação⁴ escrita e defendida pela autora 1 e orientada pela autora 2 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM –, em 2024. E o ponto de origem da pesquisa que fundamentou esta reflexão é permeado pela morte, uma vez que tudo começou com uma camisola que Leni⁵ herdou de sua mãe Adeonides⁶ após a sua morte. Um de nossos principais questionamentos foi “*porque guardamos coisas que não podemos usar?*”.

Na busca por compreender a questão principal, dando ênfase às complexidades cotidianas presentes nas vidas das pessoas, realizamos uma pesquisa etnográfica com a própria rede familiar da autora 1: Leni e suas irmãs Leila, Leci, Loiva e Conceição⁷ (em ordem cronológica de nascimento), conforme o diagrama de parentesco da Figura 1. No entanto, salientamos que as narrativas aqui evocadas são oriundas de conversas com nossa interlocutora chave, Conceição – filha mais nova de Adeonides e João.

Figura 1 – Diagrama de parentesco.



Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

Mas porque trabalhar com família? Pareceu-nos que, uma vez que o ponto de partida para a nossa pesquisa foi um objeto familiar da autora 1 (Figura 2), fazia sentido darmos continuidade seguindo os caminhos que a camisola nos levaria a percorrer.

4 Ver mais em: DIAS, Caroline Pereira. **A vida emaranhada:** a (re)materialização das ausências por meio dos objetos de família. 2024. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria, 2024.

5 Mãe da autora 1.

6 Avó materna da autora 1.

7 Todos os nomes de interlocutoras com as quais tivemos contato foram alterados por questões éticas, negociadas durante a pesquisa e a escrita da dissertação e dos artigos subsequentes dessa.

Figura 2 – A camisola de Adeonides.



Fonte: acervo das autoras (2024).

A autora 1 afirma que toda vez que olha para a camisola é como se todas as memórias com a avó emergissem, quase como pudesse ver sua avó novamente:

os cabelos grisalhos curtos penteados em grandes ondas para trás, seu rosto enrugado, exausto, com fundas olheiras – traços de quem viveu uma vida sem facilidades. [...] Lembrei-me de dias que pareciam esquecidos: minha avó, meus primos, minha mãe, minhas tias, o penico branco alouçado embaixo da cama de ferro em barras – com alguns pontos de ferrugem – com um colchão de molas que ringiam, um pátio de terra batida, com uma grama ressecada e uma melancolia pairando no ar (DIAS, 2024, p. 24).

Passamos então a nos questionar, “*que potência é essa?*”. Por meio de nossa pesquisa, objetivamos elucidar, pelo menos em parte, as complexas relações que se passam entre pessoas e coisas, as quais são conservadas e transmitidas no interior de redes familiares, nas quais as coisas transcendem seu valor de uso e forma física e adquirem significados outros, sendo portadores e circuladores de *mana* (MAUSS, 2018), de poderes e forças que delas emana. A presença de alguns objetos se torna uma testemunha impregnada de poderes que salientam que aquele personagem ali evocado, como Adeonides – avó, mãe, amiga, mulher – tem valor, presença e força. Consideramos que, por meio de uma imersão nas experiências cotidianas individuais e subjetivas, é que podemos possibilitar um vislumbre de aspectos cruciais da experiência humana e, em certa medida, lançar compreensão sobre algumas das dinâmicas

envolvidas nos laços intrafamiliares. Afinal, a camisola materializa a presença de Adeonides, que não está mais entre os vivos, seu papel no enquadramento familiar e sua linha de ascendência com os vivos. Ela ainda é mãe, avó, irmã. *Ela é.*

A camisola a que nos referimos é bastante simples: confeccionada em tecido plano⁸ de algodão branco, com uma estampa de pequenos raminhos azuis e flores com pétalas cor-de-rosa, possuindo uma gola arrematada com bordado inglês, uma lapela bordada a máquina com as mesmas flores de pétala cor-de-rosa e raminhos azuis. Apresenta também um bolso frontal e fechamento frontal com botões sintéticos. Uma camisola comum para senhoras no final do século XX e início do XXI. Uma possibilidade de vestimenta respeitável e honrada, conforme os critérios da época, possível de ser usada por uma senhora casada, mãe de família.

Embora esta seja uma camisola *simples*, ela não é uma camisola *qualquer*, mas uma peça de vestuário adequada às necessidades de Adeonides: assegurava-lhe conforto ao dormir e respeitabilidade, caso houvesse a necessidade de ir ao hospital durante a madrugada (DIAS, 2024). Esta *técnica corporal* (MAUSS, 2018), de estar asseada e com roupas de baixo novas e limpas costumava ser uma grande preocupação das mulheres, sobretudo entre as classes baixas, podendo ser percebida como um privilégio e uma *distinção*. Essa preocupação, transmitida de mães para filhas preferencialmente, fazia com que as pessoas costumassem ter em casa uma muda de roupa asseada para esta finalidade. Seria desonroso, até indigno, a uma mulher se apresentar não asseada ou com roupas sujas ou maltratadas num espaço mais público como um hospital, por exemplo.

Partindo da camisola, seguindo os vestígios das coisas herdadas na família juntamente com suas pessoas, nosso trabalho de campo ocorreu de março de 2023 a janeiro de 2024, entre as cidades de Santa Maria, Bagé e Dom Pedrito (Figura 1), localizadas no interior do estado do Rio Grande do Sul, no qual residem as interlocutoras. Durante o campo houve uma convivência bastante próxima com as interlocutoras, uso de conversas abertas, visitas e uma participação ativa nas atividades cotidianas das vidas das mulheres que compuseram o cerne da pesquisa.

8 O tecido plano, cuja principal característica é a pouca elasticidade, é constituído a partir do entrelaçamento dos fios de *trama* (em sentido horizontal) com os fios de *urdume* (em sentido vertical) no tear (Blog Adina, 2019).

Figura 3 – Localização das cidades de Santa Maria (vermelho), Bagé (verde) e Dom Pedrito (azul) em relação ao estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: adaptado de Wikimedia Commons (2023).

Por meio das relações estabelecidas em campo e das narrativas trazidas pelas interlocutoras, buscamos propor, por meio desta reflexão, que uma das maneiras que encontramos para aplacar a saudade e ter perto de nós as pessoas que amamos e que já não vivem entre nós, é guardando, conservando e cuidando de coisas que foram dessas pessoas, essas coisas nos asseguram uma sensação de permanência e continuidade. O cuidado com elas, igualmente, traz a sensação de que as linhas de afeto e os vínculos permanecem entre os vivos.

O texto que se segue está subdividido em 4 seções. Na primeira, intitulada “*a vida como co-constituição*”, pretendemos dialogar, sobretudo, com a Antropologia ecológica de Tim Ingold, considerando que as pessoas e suas coisas estão engajadas em um processo constante de co-constituição uns dos outros. Na segunda, nominada “*A morte é o derradeiro fim?*”, intencionamos questionar se a morte biológica é, de fato, o fim último de todos nós ou se existem “frestas” pelas quais é possível “escapar”. E, quais frestas seriam estas? É possível materializa-las? Já na quarta, denominada “*As coisas dos meus irmãos ninguém bota fora: as coisas como permanência*”, pretendemos elucidar a *continuidade* sugerida por nós por meio da evocação das narrativas registradas em campo. Por fim, nas “*considerações finais*” buscamos fazer algumas costuras e arremates à guisa de conclusões parciais.

A vida como co-constituição

A convivência continuada entre coisas e pessoas faz com que uns se enredem aos outros de tal modo que, por vezes, passa a ser quase impossível separar uns dos outros. Levando, inclusive, teóricos a interpretar os artefatos enquanto construtos relacionais devido à mútua constituição que se dá entre seres humanos e objetos materiais (ROBBEN, 2018).

Diferentemente do que o senso comum costuma conceber, as coisas – em seus mais variados tipos – não são inertes e passivas, conforme afirma Dias (2024, p. 60) “as coisas têm cor, cheiro, textura, marcas, sabor... Estão presentes nas nossas práticas, tempo, espaços, socializações, narrativas, memórias, afetos. Difícil traçar um limite entre as coisas e o que elas possibilitam em nós”. Muito longe de estarem cindidos em polos opostos, em conformidade com Ingold (2021), seres humanos e coisas estão mutuamente engajados em um processo de co-constituição e de geração contínua de vida. Aliás, como postulou Heidegger (1971 *apud* INGOLD, 2012, p. 32, grifo nosso) *partilham um da essência do outro*. O que as coisas despertam em nós transcende sua existência material, mas, de certa forma, é dela que partem. O cheiro do tecido antigo, a visualização dos delicados enfeites da camisola de Adeonides trazem sua presença para o agora, embora ela, como ser físico, já não possa. Pode ser que suas filhas até escutem sua voz e suas afirmações enquanto contemplam a camisola.

A camisola é para ser vista, sentida, experimentada e narrada também. O que ela pode ensinar aos vivos? Aos netos? Há *ali* a presença formalizada e visível de uma avó. Pessoas e coisas estão vivas e em emaranhamento, ou seja, é por meio dessa relação que umas trazem as outras à vida e vice-versa. Porém, salientamos que, quando Ingold salienta que as coisas estão vivas, ele o faz se referindo ao fato de que

As coisas estão vivas e ativas, não porque estão possuídas de espírito, mas porque as substâncias de que são compostas continuam a ser varridas em circulações dos meios circundantes. [...] A animacidade, portanto, não é uma propriedade das pessoas imaginariamente projetada sobre as coisas. Em vez disso, trata-se do potencial dinâmico, transformador de todo o campo de relações dentro do qual seres de todos os tipos, mais ou menos semelhantes a pessoas ou coisas, continua e reciprocamente trazem uns aos outros de volta à vida. A animacidade do mundo da vida, em suma, não é o resultado de uma infusão de espírito na substância, ou de agência na materialidade, mas é, ao contrário, *ontologicamente anterior à sua diferenciação* (INGOLD, 2021, p. 63; 116, grifo nosso).

Ora, não há neste caso, uma negação da materialidade ou do simbólico, apenas a inserção do debate em um nível que é ontologicamente anterior à própria cisão entre materialidade/significado. O que há é uma inseparabilidade: as coisas vivem tão próximas de nós, mesclam-se ao *ser*, deixam um pouco de si e levam consigo um pouco de nós. Para Dias (2024, p.46), “Ao longo do tempo, as coisas assim como nós, experienciam “transformações, físicas – como manchas, puídos, rasgos – e/ou simbólicas. Essas coisas, como nós, não são estáticas e passivas, mas transformam e são transformadas”. Assim, num diálogo entre vivos e mortos, as relações sociais se

estendem, Adeonides mãe é narrada, sentida, vivida por meio – e com a – da camisola, tornando-se avó, delineando assim uma linha de ascendência visível e sensível.

Essas relações estabelecidas não são entre as coisas ou entre coisas e seres, conforme Ingold (2021), são antes, trilhas ao longo das quais a vida é vivida e é no emaranhar-se dessas trilhas – como fios que vão se tecendo – que se compõe a textura da vida: “É desta textura que quero dizer quando falo de organismos sendo constituídos dentro de um campo relacional. [...] de linhas entrelaçadas; não de uma rede, mas de uma malha. [...] *As coisas são as suas relações*” (INGOLD, 2021, p. 119 , grifos nossos). Ou seja, *o que as coisas são* é feito e refeito ao longo do curso da vida, bem como acontece com *quem somos nós*.

Podemos, então, afirmar que as coisas não se resumem à significação ou à materialidade, ao seu valor de uso ou de troca, a camisola aqui evocada não é representativa de algo ou alguém. **As coisas são.** São com e por meio de quem delas faz uso simbólico ou de adoração.

A morte é de fato o derradeiro fim?

Conforme mencionamos anteriormente, embora a morte não tenha sido o aspecto central de nosso trabalho, a temática da morte nos foi inescapável, uma vez que, foi evocada múltiplas vezes em campo. Um destes momentos foi ainda no princípio da etnografia, quando as interlocutoras haviam recentemente experienciado a morte de dois irmãos, José e Lara. A segunda faleceu nove meses após o primeiro. Desse modo, muitas de nossas conversas e interações foram permeadas por assuntos como o luto, a morte, a saudade, a ausência... O que de nós parte com os mortos? Como interpretaremos a vida e a família depois de suas partidas? Qual nosso lugar no mundo dos vivos?

Tradicionalmente a morte é compreendida como nosso derradeiro fim, o qual, enquanto seres humanos, todos experienciaremos em nossa própria história e vamos, ao longo do tempo, assistindo e acompanhando entre os entes queridos. Em conformidade com Santos (2012), somente a humanidade é consciente da morte e, por meio das culturas, apenas os seres humanos são capazes de dotar de *diferentes sentidos* e diferentes modos de lidar com a morte, com os mortos e com o morrer. A morte é ritualizada, sentida, documentada e assinala, para os vivos, a impermanência de tudo e o peso de algumas de nossas escolhas.

Se por um lado, a morte em sua concepção biológica – a mais comum no pensamento ocidental –, é aquela que demanda uma expressão concreta por excelência, ou seja, um corpo morto (THOMAS, 1993). Por outro, será esta morte biológica de fato o fim de tudo? Estaremos nós absolutamente aniquilados após a morte? Nesse sentido,

com base em Despret (2021), salientamos que a própria noção de que os mortos não possuem outro destino que não a total inexistência é, na verdade, um entendimento bastante localizado e historicamente recente. Ainda sob essa perspectiva, e à guisa de resposta, Robben (2018, p. xviii, acréscimo e grifo nosso) afirma que

A noção clássica de morte enquanto um fenômeno biológico e sociocultural distinto, analisada dentro do domínio restrito do momento liminar, tem sido cada vez mais deixada de lado na antropologia da morte uma vez que a vida pode ser considerada como o princípio do morrer e a *morte como a antecipação de novas formas de viver*. [...] as fronteiras entre [morte e vida] são consideradas porosas, e a liminaridade é entendida mais como uma ponte entre vida e morte do que como um prazo demarcado.

É certo que, enquanto sujeitos circunscritos no domínio da vida, estamos constantemente suscetíveis à morte. Ainda, para Barberena (2021, p. 14, grifo nosso), há “o perigo iminente da *morte da morte*”. A qual, para além da morte biológica, denota o desaparecimento e silenciamento total do ser, no sentido de uma “impossibilidade de escrever novos enredos no texto/tecido do cotidiano” (BARBERENA, 2021, p. 20). Compreendemos, igualmente, que há muitas mortes possíveis e que historicamente estas tem sido tratadas nos enquadramentos sociais e interpretativos possíveis. Morrer é um ato privado, mas também público, documentado e para o qual há uma demanda estatal. Assim, quando morremos, são várias faces nossas que são mortas também, algumas mais públicas, outras mais privadas.

Ora, Adeonides⁹, falecida ainda nos anos 1990, e sua camisola seguem engajadas no cotidiano de suas famílias e narrando suas histórias... Nessa senda, Despret (2021, p. 13) postula que “os mortos só estão mortos de verdade se deixamos de conversar com eles, isto é, de conservá-los”. Ou seja, a *morte da morte* ocorre apenas quando nós que ficamos relegamos nossos mortos ao silêncio absoluto. Mas, Adeonides vive como mãe e avó, tecendo e mantendo vivos laços com tias, primos e uma continuidade daquilo que Bourdieu (1996) denomina da família como uma ficção que funciona. E funciona porque faz e dá sentido nos emaranhados cotidianos de nossas existências.

Logo, em vez de afastar os mortos ao silêncio absoluto, Robben (2018) afirma que o que acontece é que os enlutados buscam cada vez mais modificar e estreitar suas relações de afeto com os falecidos, transformando os laços afastados físico-temporalmente em laços contínuos e significativos. É aí que as *coisas* se destacam, por sua “capacidade de unir os vivos e os mortos [...] e de preservar uma presença material diante de uma ausência corporificada” (ROBBEN, 2018, p. 18). Indícios reveladores

9 Avó materna da autora 1.

deste fenômeno podem ser: a disposição das fotos dos/com os falecidos, a organização de altares, fotografias nos jornais informando aniversário de falecimento, serviços religiosos, etc. Ou, ainda, por meio de uma camisola, que virou pesquisa e agora vira artigo.

Há, nesse sentido, um compromisso que assumimos diante dos mortos, de não deixá-los desaparecer no esquecimento,

Se não cuidarmos dos mortos, eles *morrem de fato*. A nós cabe a tarefa de oferecer-lhes “mais” existência. [...] no sentido de um suplemento biográfico, de um prolongamento de presença, e, principalmente, no sentido de *outra* existência. “Mais” existência, em outros termos, é uma promoção da existência do morto, ela não será a do vivo que ele foi, terá outras qualidades, nem a do morto mudo e inativo, totalmente ausente, que ele poderá se tornar por falta de cuidados ou atenção. Ele se tornará de outro modo, isto é, em outro plano (DESPRET, 2021, p. 14).

Isso é o que Robben (2018) denomina de “o trabalho dos vivos sobre a morte”: nós transformamos, reelaboramos, estabelecemos novas conexões ou estreitamos as antigas. Tudo isto se nos apresenta ao fim de uma vida.

Como, quando em *Acervo de ficções*, Ana Carolina Schmidt Ferrão (2021, p. 123-124, grifo nosso) narra a relação que se transforma após o adoecimento da mãe e que se prolonga após a morte:

[...] eu lavava o chapéu, sim, toda noite e o secava com secador de cabelo pra estar ao seu lado logo que você acordasse. [...] Eu segui meu ritual: lavando e secando antes que você despertasse. Enquanto você despertasse.

- *Você sabe que eu não saio sem o meu chapéu, enquanto ele tiver com você, eu também tô.*

Eu cogitei colocar tudo no caixão. [...] Mas não tive coragem, mãe. Você disse que enquanto ele estivesse comigo, você estaria também. Por isso, aqui, entre nós duas – mãe e filha – aqui, onde não cabe o adeus, eu decidi ficar com o chapéu, pra sempre.

Pra sempre... Consideramos, então, que uma maneira de continuarmos existindo e de prolongarmos a existência de nossos entes falecidos é por meio das coisas que optamos por conservar conosco. Afinal, mesmo os corpos sem vida podem ser considerados como detentores de narrativas (Santos, 2012). Ao passo que eles atestam que nós mesmos existimos, que temos pontos de partida, de significados e de lógicas que nos tornam, de certa forma, mais compreensíveis, seja para nós mesmos ou para os

outros. Isto porque, como afirma Jones (2007), nossas memórias são frágeis e necessitam de suportes materiais.

Com isso, afirmamos que somente desaparecemos completamente quando morremos e quando morrem aqueles que lembram de nós e, assim, com eles se calam todas as nossas memórias e narrativas e estamos de fato aniquilados (Halbwachs, 2006; Candau, 2021). E, nesse sentido, é importante, igualmente, olhar para o que invocamos quando invocamos os mortos.

“As coisas dos meus irmãos ninguém bota fora”: as coisas como permanência

As narrativas aqui evocadas são todas de Conceição, irmã mais nova de Leni e a tia mais nova da autora 1. Conceição foi um interlocutora chave durante o trabalho de campo, além de ter sido anfitriã da pesquisadora na cidade de Dom Pedrito. Ela é uma mulher branca, com 56 anos, casada, com dois filhos – teve uma filha que morreu ainda na infância –, possui ensino médio completo, na juventude trabalhou como cuidadora de crianças e, na atualidade, trabalha como dona de casa. Outro ponto digno de nota sobre Conceição é o fato de ela ser deficiente visual, embora sua doença não tenha sido precisamente diagnosticada até hoje, sabe-se que é uma doença degenerativa que vai, pouco a pouco, roubando-lhe a luz dos olhos.

O esposo de Conceição, Adilson¹⁰, trabalha como pedreiro de campanha, construindo estruturas para o trato com o gado, ovelhas, erigindo casas em campos ainda desprovidos de água encanada e luz elétrica. Como profissional da construção, Adilson goza de certo prestígio na pequena cidade em que residem, logo, garantiu emprego ao esposo e aos filhos de Lara. Ao passo que, enquanto os homens trabalhavam na campanha, Lara auxiliava Conceição com os afazeres domésticos: começou com poucas coisas, mas, à medida que Conceição foi perdendo a visão, Lara passou a lhe ajudar cada vez mais.

As duas mulheres tinham, por certo, o ritual do chimarrão¹¹ na parte da manhã e ao anoitecer. Onde quer que estivessem, com quem quer que estivessem, sentavam-se para sorver o chimarrão e conversar. Em 2022, de modo repentino, após passar por um tratamento contra um câncer no estômago, Lara veio a falecer. E, foi nesse contexto de perda recente, que se deu a nossa entrada em campo.

Ao adentrar na casa de Conceição, ela se abre para uma grande cozinha equipada com sofás, churrasqueira e fogão campeiro, além dos demais itens que costu-

10 Nome alterado por questões éticas.

11 Bebida muito consumida no sul do Brasil, elaborada com a folha da erva mate processada e preparada num recipiente denominado cuia. Toma-se quente, sendo bebido por meio de um instrumento denominado bomba, que permite a degustação do mate. Trata-se de um momento para partilhar. A cuia um recipiente coletivo, que passa de mão em mão e circula.

mam equipar uma cozinha tradicional da região. Mas, o que nos chamou a atenção imediatamente foi uma pequena cadeira de madeira pintada na cor branca, parecida como essas cadeiras feitas especificamente para crianças (este item será retomado posteriormente).

Após os ritos funerários de Lara, as irmãs Leni e Conceição se dirigiram à casa da irmã falecida para o tradicional ritual de esvaziar a casa, separar o que vai ser guardado, vendido, doado ou descartado. A filha mais nova de Lara já havia declarado às tias que só queria para si o que poderia ser utilizado por ela e suas filhas ou vendido. Logo, foi assim que Conceição acabou de posse da pequena cadeira branca, foi o que ela escolheu guardar dentre as coisas da irmã:

[Conceição]: essa cadeira era da Lara. Aonde eu vou, levo ela. Eu chamo ela de Lara. Quando vamos tomar chimarrão na frente eu pergunto para o teu tio “tu trouxe a Lara?”. Eu uso para colocar o chimarrão em cima, é a cadeira do chimarrão. Se alguma coisa está no alto, eu uso pra subir, se alguma coisa está no baixo eu uso pra sentar e alcançar (excerto do diário de campo da autora 1).

Nesse caso, seria possível questionar: afinal, *o que a cadeira é?* Parece-nos que a cadeira é definida relacionalmente, conforme a situação em que se encontram Conceição e ela. Assim como Conceição é definida relacionalmente: ora usuária da cadeira, ora companheira de chimarrão.

Em outra ocasião, ao findarmos os afazeres domésticos após o almoço – como lavar a louça e limpar a cozinha –, Conceição relembrava dos velórios dos irmãos José, falecido em 2021 e Lara. Em um dado momento ela diz:

[Conceição]: Eu tenho guardados os rádios dos teus tios aqui. Fui lá na casa deles depois que eles morreram, peguei e guardei. As coisas dos meus irmãos ninguém bota fora, pode me dar pra cá. São coisas que se guardam... eu ainda tenho o hábito de guardar... (excerto do diário de campo da autora 1).

Ela afirmou saber que os rádios seriam descartados e por isso decidiu guardá-los para si. Outro ponto que destacamos é que, em momento nenhum, Conceição refere a si mesma como dona das coisas dos irmãos ou narra as suas histórias situando o pertencimento das coisas aos irmãos no passado. Ao contrário, quando ela os evoca em suas narrativas, ressalta que as coisas são dos irmãos, ou seja, presentifica a presença dos irmãos. A cadeira segue sendo de Lara, os rádios continuam pertencendo à Lara e José... Desse modo, as irmãs seguem reunindo-se para tomar o chimarrão e Lara continua ajudando Conceição com os afazeres domésticos como fez durante a

vida toda.

Considerações finais

Pois de tudo fica um pouco.

Fica um pouco de teu queixo
no queixo de tua filha.

[...]

De tudo ficou um pouco.

E de tudo fica um pouco.

[...]

fica sempre um pouco de tudo

(Carlos Drummond de Andrade,
2012, local. 968, grifo meu).

Assim, com base nas narrativas de Conceição, a interlocutora aqui evocada, é possível considerar que enganamos a morte o tempo todo, mantendo esses “parentescos estranhos” e dando nomes às coisas... Estes subterfúgios podem, inclusive, ser pensados como *estratégias de sobrevivência* (Fonseca, 2000): uma maneira de sobreviver à ausência intransponível da pessoa amada e seguir adiante com a vida. De onde tiramos forças, sentido e presenças para os dias seguintes? Na solidão das existências, talvez eles nos lembrem que não estamos tão sós. Além disso, como ressaltam Wallendorf e Arnould, na escolha de nossos objetos preferidos, também deixamos visível nossa possessividade, bem como aspectos de gênero, idade e de “self-concept” (1988, p.542). Enfim, os objetos falam muitos de nós também, seja como indivíduos ou como coletividade. Ou seja, tem um acento histórico. E nos revelam.

Guardamos as coisas não porque nos são úteis ou porque significam algo, mas, porque quando nossas pessoas amadas perecem e já não são – e nem poderiam ser –, as coisas que participaram da constituição dessas pessoas enquanto “seres” no mundo, os transcendem e continuam *sendo*. Logo, guardar as coisas é um modo de continuidade, de permanecer. Nesse sentido, podemos pensar as coisas rompendo a própria barreira entre vida e morte. Elas nos trazem, do mundo dos mortos, elementos para os vivos, porque permanecem entre os vivos. Dota-los de sentido e presença, é uma costura cotidiana, que depende, igualmente, de investimento em tempo e construções narrativas. Afinal, o é ser uma avó, mãe da mãe e qual o valor de sua camisola que tanta presença tem?

Como reiterou Stallybrass (2007), ao estabelecer uma rede de roupas – e, acrescentamos, de coisas – é possível que estabeleçamos conexões de amor capazes de transpor as fronteiras da ausência, da morte, pois as roupas são capazes de carregar os corpos ausentes, as memórias, a genealogia, assim como seu valor material literal. Elas trazem cheiros, sensações táteis, visíveis, evocam experiências vividas, misturando-se nos espaços domésticos e mais públicos também. Há situações em que estes objetos podem circular entre familiares, sendo disputados e tratados como relíquias. É o sagrado que visita nossas vidas cotidianas, por vezes tão carentes de certa magia e encantamento.

Cabe-nos acrescentar que, nesse sentido, a camisola de Adeonides, os rádios de José e Lara, a cadeira de Lara, essas coisas que conservamos são evidências de uma vida e de uma história compartilhadas, são *distinções* de pertencimento (Dias, 2024). Mas são também muito mais... E, talvez, somente quando estivermos prontos para nos despedir de fato e “matar os mortos” (Santos, 2012) é que deixaremos ir também suas coisas. Mas, quem poderia querer *matar os mortos*?

Referências

- ANDRADE, Carlos D. de. 2012. Resíduo. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 968-1011. Ebook Kindle.
- BARBERENA, Ricardo. 2021. Narrar para salvar a morte da morte ou o acervo de histórias assassinadas. In: NOGARA, Marina Soares; BARBERENA, Ricardo (org.). *Acervo de ficções*. Porto Alegre: Zouk. p. 13-26.
- BLOG ADINA (Rio de Janeiro). 2019. *Malha ou tecido plano*: entenda a diferença. entenda a diferença. Disponível em: <https://blog.adina.com.br/malha-ou-tecido-plano-entenda-as-diferencas/>. Acesso em: 28 out. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. 1996. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus.
- CANDAU, Joel. 2021. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto.
- DESPRET, Vinciane. 2023. *Um brinde aos mortos*: histórias daqueles ficam. São Paulo: N-1 Edições. Tradução de: Hortencia Lencastre.
- DIAS, Caroline P.. 2024. *A vida emaranhada*: a (re)materialização das ausências por meio dos objetos de família. Santa Maria. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria.
- FERRÃO, Ana C. S.. 2021. Onde não cabe o adeus. In: NOGARA, Marina S.; BARBERENA, Ricardo (org.). *Acervo de ficções*. Porto Alegre: Zouk. p. 121-124.
- FONSECA, Claudia. 2000. Aliados e rivais na família. In: FONSECA, C.. *Família, fofoca e honra*. Porto Alegre: UFRGS. p. 53-88.

- HALBWACHS, Maurice. 2006. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- INGOLD, Tim. 2021. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes.
- INGOLD, Tim. 2012. Trazendo as coisas de volta a vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 37, n. 18, p. 25-44, jun.
- JONES, Andrew. 2007. *Memory and material culture*. New York: Cambridge University Press.
- MAUSS, Marcel. 2018. *Ensaio sobre a dádiva*. São Paulo: Ubu Editora.
- ROBBEN, Antonius C. G. M. (ed.). *A companion to the anthropology of death*. New Jersey: Wiley Blackwell, 2018.
- SANTOS, Flavia Medeiros. 2012. *Matar o morto: a construção institucional de mortos no instituto médico-legal do rio de janeiro*. Niterói. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.
- STALLYBRASS, Peter. 2007. O casaco de Marx. In: STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória e dor*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica. p. 39-85.
- THOMAS, Louis-Vincent. 1993. *Antropología de la muerte*. México: Fondo de Cultura Económica. p. 195-198.
- WALLENDORF, Melanie; ARNOULD, Eric. 1988. "My favorite things": a crosss-cultural inquiry into objects attachment, possessiveness, and social linkage. *Journal of Consumers Research*. Vol.14, 531-547.